

## Arte, Arquitetura e Políticas do Espaço\*

### Entrevista de Mick O’Kelly por David Sperling

#### Mick O’Kelly

Mick O’Kelly é artista e professor no Departamento de Escultura da *Faculty of Fine Arts do National College of Art and Design*, em Dublin – Irlanda e está atualmente realizando seu doutorado em “Interface” na *University of Ulster Northern Ireland*.

#### Entrevista:

#### David Sperling

Arquiteto e urbanista, professor assistente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, e-mail: sperling@sc.usp.br

#### Tradução:

#### David Sperling

#### Fábio Lopes de Souza Santos

Arquiteto e urbanista, professor doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, e-mail: sotosantos@uol.com.br

\* Esta entrevista, iniciada durante a 27ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo “Como viver junto?”, foi originalmente concebida para compor um diálogo com a entrevista “Artevida Útil” que realizamos em paralelo com a artista Mônica Nador e publicada no número anterior da *Risco*. O leitor perceberá, em contato com as duas entrevistas, que elas têm uma estrutura comum e que, a partir dela, enveredam por questões específicas ao trabalho de cada artista e aos modos de inserção de suas práticas críticas no mundo contemporâneo.

**DS** O binômio “arte crítica” revela uma relação entre arte e crítica que está na base de cada trabalho de arte, ou na pura crítica da linguagem (como no caso das vanguardas) ou na forma de uma crítica expandida, na qual as “condições da vida” são colocadas em questão. Na base desta distinção nós encontramos a política da autonomia ou heteronímia das artes. Como você vê a relação entre arte e política hoje em dia?

**MK** O engajamento em atos políticos constitui uma atividade tanto política quanto estética. Existe e sempre existiu uma relação entre arte e política, mas os artistas são incapazes de definir uma plataforma legítima para representação no nível político. Talvez por que a arte seja sempre considerada uma atividade supérflua e vista como um processo que deve encontrar sua relevância ao final de outro processo. O termo “arte crítica” implica em questionamento, em levantar dúvidas. Uma relação mais ampla entre arte e política coloca em questão estes termos, no sentido de problematizar as práticas de participação e representação. Exponentes críticos da prática de uma arte socialmente engajada a vêem como um meio

de utilizar o trabalho do cidadão, de alocar braços ociosos em um bom trabalho para cuidar da sociedade. O Estado economiza dinheiro e os cidadãos são recompensados por meio de importantes atos cívicos. A atividade de fazer arte envolve a alocação de investimentos e do desejo, a descoberta de um método de atuação, de estratégias e de táticas locais de engajamento. Trata-se de empregar a motivação e os instrumentos da arte em favor da intervenção no corpo político e de construir a mediação de uma estética dialógica que atue nos interstícios da Política. Considere o trabalho da *Wochenklausur*, uma organização austríaca que realiza intervenções artísticas no domínio público para criar ações artísticas concretas que influenciam e mudam políticas.

**DS** A associação entre arte e espaço público pode ser - ainda hoje em dia - confundida, por um lado, com o mobiliário urbano e, por outro, com o trabalho de assistência social. No primeiro caso, beleza, no segundo, política de mitigação; em ambos os casos a arte toma parte da continuidade/ permanência das coisas. O que concerne a uma arte relevante, que trata daquilo que é “público”?

**MK** Esta pergunta traz implícita uma série de proposições. Você está certo na sua observação de que a arte faz parte da continuidade/ permanência das coisas. A posição de decoração, beleza, a política de mitigar, de apaziguar as contradições, nem sempre é polêmica e de oposição. A relação histórica entre arte e arquitetura, ou seja, da primeira com o ambiente urbano, era de que as artes decoravam a arquitetura e o espaço urbano. Estas são questões com as quais o design deve se ocupar. Eu considero a arte como algo ligado a uma situação específica e contingente, algo destinado a criar uma situação na qual coisas acontecem, algo que ocupa temporariamente um local, porém não se deixar escravizar por este. A arte pode ser definida pelo lugar ou pode reinventar um novo significado para a história daquele lugar. Os diversos termos para a arte em público - arte pública (*public art*), arte contextual (*situated practice*), arte participativa (*participatory art*), prática coletiva de arte socialmente engajada (*socially engaged art collaborative art practice*) - são termos em disputa e em discussão, necessitando maior elaboração e definição. Cada um deles compartilha uma parte de uma série de questões referentes à relação entre o produtor e o receptor, apontando para diferentes graus de envolvimento. Fazer arte é levantar questões, dúvidas! Eu prefiro que este questionamento tome a forma de um encontro inesperado e compartilhado. O artista pode ser aquele que cria o impulso, mas deixa suficiente espaço para outros atores concederem significado ou valor aos temas ou às questões levantadas, ou ainda ao próprio processo artístico. O termo "público" também está em disputa. Quando nós usamos o termo "público", a quem nos referimos? Isto tem um significado especial para uma megalópole como São Paulo, na qual existem múltiplos públicos que competem na negociação da identidade e do espaço na cidade. Quando esta identidade se torna específica ou particular, abre-se espaço para participação.

**DS** Arte e rótulos mantêm uma relação tensa, em geral, os últimos impedem que a primeira preserve seus significados – ou os torna confusos. "Arte Pública" (*Public art*), "arte no espaço público" (*art in public space*), "arte participativa (*participatory art*)... O termo "arte crítica" tem o mesmo problema. Nestes termos, arte, crítica e público são os pólos –

mesmo que de uma maneira implícita. Como você os articula em seu trabalho?

**MK** A maioria dos trabalhos de arte é resultado de um processo de encomenda. É quase inevitável que a tarefa de rotular se converta em uma questão para a comissão que realiza a encomenda. As autoridades responsáveis pelo financiamento de arte pública devem responder por suas ações e pelo gasto do dinheiro público. Existe a obrigação de levar em conta as diferentes concepções do que constitui um valor cultural. Ao artista nunca é oferecido um espaço neutro; a especificidade de um lugar já vem inscrita na história daquele lugar. Promover qualquer futura intervenção significa promover uma segunda inscrição. Arte pública quase sempre acontece após alguma permissão, e é aprovada. A arte no espaço público pode constituir uma ação ilegal, uma intervenção subversiva. Os desenhos de Keith Herrings no metrô são esteticamente lindos; nem por isso deixam de ser, simultaneamente, ações ilegais e declarações políticas. Na arte como prática de participação, produtores e receptores ocupam a mesma posição. Por meio desta prática o artista e os participantes criam uma plataforma para um diálogo aberto, o qual se realiza durante a produção cultural do trabalho artístico. Em alguns casos, o diálogo ou a troca pode ser o próprio trabalho. A interação pressupõe que todos os participantes mudem em consequência do processo. As estratégias e táticas que emprego no método da arte estão permeadas pelos instrumentos da arte. Isso é que o torna um trabalho de arte e não um serviço social ou um ato político. O processo de como a arte negocia com outras práticas conduz às condições que o determinam como arte assim como o potencial de seus limites.

**DS** A *Cozinha Nômade* foi pensada para ser nômade ou isto será decidido coletivamente?(Nós sabemos que nas áreas onde as pessoas vivem em situações de carência, transitoriedade e mobilidade são as únicas condições possíveis. Na maioria dos casos, a construção de serviços públicos permanentes representa para eles um meio de acesso para a cidade formal).

**MK** Inicialmente eu propus a "Cozinha Nômade" (*Nomadic Kitchen*) como uma estrutura nômade

intersticial. A natureza temporária da estrutura é resultado das condições nômade e sustentável de se viver em uma ocupação informal. A *Nomadic Kitchen* serve como um instrumento para a negociação das condições urbanas com a ambição de converter Vila Nova em uma área de inclusão social. O trabalho de arte se torna um lugar de diálogo para mediar deste processo. Os conceitos de periferia e centro estão implícitos na divisão entre a cidade formal e a informal. Mas há vários casos em que o assentamento informal está no coração da cidade, dando acesso às redes de trabalho, negócios e relacionamentos. Isto esmaece as fronteiras entre as economias formal e informal. Existe um sentido de assimilação e não-assimilação na cidade que depende fortemente da presença da força de trabalho do mercado negro para manter a circulação do capital enquanto que são ignoradas, na maioria dos casos, políticas para uma sociedade civil. Acesso à cidade formal por meio dos serviços públicos regulares é um direito humano mais do que um símbolo de legitimação social.

**DS** Você participa do processo coletivo de “projeto” e de “construção” da Cozinha Nômade. O acompanhamento e o registro das negociações dos usos e das condições de uso desse espaço são (especialmente) importantes para verificar as potencialidades da Cozinha Nômade na vida cotidiana real de São Miguel. Como você planeja fazer isso?

**MK** Antes de tomar a decisão sobre a estética final, eu fiz uma série de workshops com as crianças, adolescentes e os adultos residentes em Vila Nova. Nos workshops o conceito do projeto foi discutido como uma forma de negociação urbana. Houve uma série de reuniões com a equipe da Nova União da Arte, da Mudança de Cena e com os moradores de Vila Nova para encarar a Cozinha Nômade como um instrumento para o diálogo e para a construção de estratégias para seu projeto de regeneração. Eu realizei desenhos e maquetes para desenvolver idéias acerca da arquitetura flexível e de como o meio urbano afeta a maneira como pensamos nosso sentido de lugar. Este é o momento em que o trabalho de arte cria a ocasião na qual as coisas ocorrem. O processo de participação e de ação coletiva vai evoluir e se desenvolver, este pode ser chamado de “forças de antagonismo”

(*antagonisms*). Estas “forças de antagonismo” operam dentro de sistemas que não são fechados; intervenções em sistemas políticos tais como o governo, planejamento, habitação, educação e os serviços de saúde. O uso futuro do projeto será decidido pela NUdA a MDCN e pelos moradores de Vila Nova. Já cumpri o meu papel, mas serei informado de seu futuro uso.

**DS** Por que você se interessou em realizar sua proposta em São Paulo? Quais foram as condições que o trouxeram ao Brasil?

**MK** Em janeiro de 2005 eu participei do Fórum Social de Porto Alegre. Eu viajei com um grupo da faculdade e de estudantes em uma viagem de campo promovida pela *National College of Art and Design Ireland* para assistir ao fórum. Eu fiquei muito bem impressionado com a estrutura do fórum. Ele foi construído como uma cidade temporária de tendas. Era um espaço temporário e flexível, mas pensado nos termos de sustentabilidade da humanidade em uma escala global. Ele criava um espaço onde políticos, ONGs, cidadãos, ativistas de base e profissionais das mais diversas áreas se encontravam e discutiam a partir das mais diversas perspectivas. Eu me reuni com muitas organizações que trabalham com pessoas que vivem em assentamentos irregulares e em zonas de exclusão. Nós discutimos a possibilidade de realizar intervenções de arte. Eu fiquei igualmente impressionado com a maneira com que pessoas que eram essencialmente não-assimiladas criavam formas de intervenção e de vida autônomas dentro da cidade informal. Improvisação e táticas de autoconstrução tornam palpável a engenhosidade humana e revolucionam as maneiras de pensar a forma da cidade e do futuro urbanismo. Existiu um período de reflexão, discussões que evoluíram, levando à proposição de uma intervenção artística, a qual está detalhada nas outras perguntas.

**DS** Como você deve saber, o tema da 27ª Bienal Internacional de São Paulo é “Como viver junto”. Você (como artista estrangeiro) pesquisa possibilidades de “como viver junto” em espaços reais na maior cidade latino-americana, na parte mais pobre da cidade. São Paulo – como outras cidades brasileiras - está perdendo seus espaços públicos, mesmo (ou seria ainda mais?) em suas

partes mais ricas. Eu pensei que um “espaço para a negociação do público”, para compartilhar o espaço público se tornará ainda mais difícil. Você conhece experiências nesta direção?

**MK** As idéias de público e de espaço parecem ser demasiadamente simbióticas, sem uma clara demarcação em sua inter-relação. Mas, quando você as olha separadamente: o que é espaço e o que é público? Aquilo que é considerado como pertencente ao Estado, é visto como uma dádiva. E, quanto não pertence a ninguém, simultaneamente, pertence a todos.

Mais do que nunca, o espaço público está sendo erodido em favor do controle do setor privado e das corporações. Onde o governo corta o orçamento previsto para a criação e na infra-estrutura do espaço público e procura apoio privado ou patrocinadores, o público perde o controle e mesmo o acesso ao espaço público. Desta maneira, a idéia de espaço público como um espaço comum, compartilhado, está sendo envolto por uma penumbra. Acesso ao espaço público pode ser frustrado por meio da presença de uma segurança privada pesada, por cercas, muros ou pelo deslocamento geográfico: ao viver em lugares distantes, as pessoas perdem a possibilidade de acesso. Como disseram os moradores de Vila Nova nas mesas redondas sobre estas questões: “Nós não podemos levar as crianças até os lugares públicos para brincarem. Eles ficam muito longe e não podemos arcar com o preço das passagens de ônibus”. Habitar em áreas de exclusão social impede o acesso ao espaço público. Assim, pode-se colocar em debate a idéia de espaço público como um espaço que é compartilhado por todos. É também um espaço para as “forças de antagonismo”, um espaço onde podem ter lugar o protesto e a discussão. O espaço público é também um espaço que cria a esfera pública, mas apenas quando ela está acessível.

**DS** Nomadic Kitchen como “interface” emprega uma tecnologia low tech. E a “interface” de cozinhar e conversar são apenas meios. Mas nós vivemos em um tempo em que os meios substituem os fins e tudo está se tornando uma “interface” – cada vez mais high tech. “Inter-face” e “inter-ação” são hoje em dia pontos interessantes para se discutir arte, uma vez que o debate sobre seus significados

pode relativizar as necessidades de performances tecnológicas na vida contemporânea. Qual sua opinião?

**MK** Eu acho que estamos vivendo em um tempo em que cada vez mais os fins justificam os meios devido à intervenção da tecnologia e da indústria. Desde a Revolução Industrial, a linha de produção tecnológica como modo de trabalho determina o artefato como design antes mesmo de sua fabricação. Este tipo de interface sufoca a criatividade individual e cria uma desarticulação do ser humano. Ele deixa pouco espaço para uma interação criativa do indivíduo com a produção e com os processos de fabricação, a não ser seguir os ditames da tecnologia. Existe aqui um paralelo com o planejamento urbano que também dá lugar a desarticulações e deslocamentos. Os mercados globais comandam a economia local, sendo assim, não há volta possível para um mercado local autônomo. Devemos responder a estes dois níveis. A interface e a interação humanas operam entre o individual e o coletivo. Existe uma convergência entre os termos desta dualidade. O Estado e a sociedade disponibilizam uma mega-estrutura: é aí onde o indivíduo se perde. No nível privado ou local, o indivíduo pode criar um lugar de subjetividade. Aqui é onde pode existir uma diferença sutil e significativa entre trabalho e labuta (*work and labour*). A idéia de interface e interação opera na sociedade dentro da escala da capacidade humana. A tecnologia low-tech é, na maioria das vezes, consequência de orçamentos modestos, da necessidade de ter dar um jeito com o que está disponível; a tecnologia high-tech com uma escala humana poderia revitalizar e revolucionar a maneira como as pessoas dão forma a suas vidas e à cidade.

**DS** Nós vivemos um tempo no qual predomina a “ação sem ação”. Em um contexto – mesmo nas artes – de persuasiva “interação” que está se convertendo cada vez mais em um hábito e em “ações passivas”, é fundamental lembrar do trabalho dos artistas brasileiros Helio Oiticica e Lygia Clark, em cuja obra a “participação” tem lugar como “ações ativas”. Desta maneira, nós podemos contrapor eventos performativos (as coisas necessitam continuar) e acontecimentos de ruptura (no sentido de Badiou). No seu trabalho, como você induz as pessoas a “ações ativas”?

Eu acho que a capacidade de perder a habilidade de sonhar ou imaginar dá origem a um estado de inércia (*stasis*). Isto tem o efeito de debilitar o desejo e a busca por um outro tipo de futuro. Na cultura ocidental, predominantemente influenciada pelo capital, nós nos tornamos consumidores passivos. Consumidores de informação, de comunicação, de estilos de vida, de espaço. A “ação-passiva” a que você se refere acontece quando a sociedade se converte em consumidora de produção cultural ao invés de sua produtora. Resistir a isto, a se converter em um ser passivo, significa se engajar no social e no civil. Isto também leva a uma dualidade na relação com a subjetividade individual e coletiva; na construção das relações com os outros, coalizões, contingências no processo social da cultura. A arte no contexto público tem a capacidade de criar ruptura: ela interrompe o funcionamento normal de um lugar. Como uma descoberta involuntária, a arte irrompe na consciência da audiência desprevenida. Meu interesse é trabalhar nos lugares onde acontecem rupturas culturais ou sociais. Estas são as aberturas intersticiais nas quais o método e as possibilidades da intervenção artística podem servir como instrumentos de ação. Para induzir a participação e colaboração de “outros” no projeto, estes devem poder se enxergar dentro deste. Deve haver um sentido de identificação com o processo do trabalho e com o que lhe deu origem. Sem este tipo de engajamento, a relação com o trabalho de arte será possivelmente inoperante. A natureza performativa do projeto se realiza apenas quando aqueles que o ocupam e o habitam o enxergam como um instrumento para promover mudanças. Eu penso que o desejo é sempre múltiplo.

**DS** Como arquiteto, eu pesquiso possibilidades relevantes de se fazer arquitetura hoje em dia. Considero a Cozinha Nômade um relevante trabalho de arquitetura, não no sentido comum, de obra-prima, mas sim como agente catalisador de processos situacionais.

**MK** Fazer arte ou arquitetura pode ser uma ação complexa. Os modelos do século XX ressaltam o papel do artista ou arquiteto como a de um indivíduo autônomo, cuja atividade se fundamenta na expressão da esfera privada. No sentido convencional, existe uma relação entre o espectador da arte e o usuário da arquitetura. A “Cozinha Nômade”

funciona como um agente catalisador que aglutina praticantes de múltiplas disciplinas, arquitetos, planejadores, trabalhadores da saúde pública, sociólogos, artistas, ONGs e moradores de Vila Nova. Os procedimentos contextuais acionam todas as potencialidades e particularidades dos indivíduos engajados no processo de participação. A metodologia de trabalho não tem como referência uma posição utópica de acordo e consenso, como a democracia participativa, ela é construída a partir da legitimação da diferença e do conflito. O processo é orgânico, nele assumir o controle significa também perder o controle. O trabalho atua como uma incursão no meio urbano, no sentido de representar um investimento da parte dos seus moradores que revela maneiras de se engajar e negociar no meio urbano. Este tipo de investimento é central para a apropriação da arquitetura como conceito e lugar. Existe uma relação distinta entre visitar o lugar a passeio e tomar parte dos cuidados do jardim. Enquanto que o primeiro é um visitante, aquele que cuida do jardim se insere no local. De maneira similar, o valor agregado ao local pela “Cozinha Nômade” não reside tanto em seus elementos materiais, mas sim em sua capacidade de, como estrutura, servir como instrumento para a negociação e produção de espaço público.

**DS** Como um artista que trabalha em “interface” com a arquitetura, ou a usa como uma interface, como você vê a arquitetura contemporânea e suas possibilidades de tornar-se um agente crítico?

**MK** Do ponto de vista de um artista, eu vejo um verdadeiro desafio para a arquitetura. A arte pode parecer uma atividade elitista, protegida dentro das convenções do espaço da arte, isto é, o espaço das galerias e museus. Estes podem ser espaços de referência, que criam um fundo neutro para a experiência artística. O encontro com a obra pode se dar como uma experiência privada, após a audiência ter tomado a decisão de visitar uma galeria ou museu. Para o espectador sempre permanece uma sensação de ser um intruso ou de estar entrando no espaço alheio. Arquitetura, por outro lado, sempre envolve uma negociação pública. A produção de estruturas urbanas passíveis de serem apropriadas por todos traz uma responsabilidade para o arquiteto que se situa em algum lugar entre o ato de assentar tijolos e Deus. A prática e o fazer da arquitetura é

legitimada pela lei. Encontrar um lugar crítico para a prática da arquitetura requer um rigoroso enquadramento das operações de maneira a torná-las inclusivas. Devemos planejar junto com os usuários, ao invés de apenas planejar suas atividades. O papel do consenso deixa uma abertura para os participantes, considerados como portadores de novos valores. Devemos praticar a arquitetura como uma forma de dar voz e poder aos que não os têm, e não convertê-la em uma prescrição definitiva. Habitação ainda é em escala global uma questão urgente, sujeita

às onipresentes forças do capital, das tecnologias e do mercado. Eu defenderia outras maneiras de fazer arquitetura, menos ditadas pelos empreendedores: o mercado mantém as anomalias da sociedade. Como uma prática de inclusão, devemos procurar uma posição crítica para fazer uma arquitetura, que seja sustentável e construída em meio a contingências e colaborações. Isto também pode funcionar como um lugar para a intervenção e para a legitimação do conflito. Arquitetura é o local onde você corta seu cabelo. Este pode ser um lugar radical.